

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Arminda Anjos**

registada em 2008-09-18  
por

Joana Ribeiro e Susana Pires



## Arminda Anjos

Arminda Anjos nasceu em Chãs d'Égua, em 1932, no dia 5 de Agosto. O pai era José Moreira e a mãe era Ana dos Anjos. Com os pais e oito filhos, eram dez pessoas na casa. E, naquele tempo, só o pai sozinho ganhava para todos. Tinha dois machos e ia carregar vinho e levar à Beira Baixa, a uma terra chamada Cebola. Dos irmãos Arminda era a mais velha. Com 4, 5 anos tinha de tomar conta dos irmãos e cuidar da taberna do pai. Todos começaram a trabalhar na agricultura com 6, 7 anos. Mesmo antes de ir para a escola, Arminda começou a ir ao mato, depois era cultivar a terra. Andou na escola até aos 11 ou 12 anos. Mas só fez a passagem da primeira à segunda classe. Depois veio uma professora dar escola à noite aos adultos, a quem queria ir. Tinha Arminda 15, 16 anos, voltou à escola e fez a passagem da segunda à terceira classe. Arminda tem dois filhos. Um chama-se José, outro António. Estão em Lisboa. Trabalhou sempre na agricultura e na taberna. Com 16, 17 anos trabalhou de costura também. Ainda esteve 16 meses em Lisboa, o marido trabalhava lá. Regressou à aldeia porque os sogros ficaram sozinhos.

# Índice

Identificação Arminda Anjos.....	4
Ascendência "Era o meu pai sozinho a ganhar para nós todos".....	4
Infância "Antes de ir para à escola, comecei a ir ao mato".....	5
Casa "Fôramos criados num ambiente de carinho".....	8
Educação "Ora tínhamos professora, ora não".....	9
Religião "O que o padre diz a gente sabe".....	9
Descendência José e António.....	10
Percurso profissional "Nem fazem ideia do que a gente passou".....	11
Migração "A gente nunca teve trabalhos de futuro".....	12
Lugar "Estas terras que se aqui vêem estava tudo cultivado".....	13
Costumes Tradições e dias de festa em Chãs d'Égua.....	15
Sonhos "Sabia lá o que é que se passava pelo mundo fora".....	18
Avaliação "Admirados com isto tudo".....	18

## **Identificação *Arminda Anjos***

Sou Arminda Anjos. É o meu nome completo, mais nada. Nasci, em Chãs d'Égua, em 1932. Fiz 76 anos no dia 5 de Agosto.



**Arminda Anjos, com 32 anos**

## **Ascendência "*Era o meu pai sozinho a ganhar para nós todos*"**

O meu pai era José Moreira. Acrescentavam Júnior por causa de haver na aldeia mais nomes iguais. Mas depois, por resto, parece que já tinham desaparecido os outros nomes, já tinham morrido, era só José Moreira. A minha mãe também era só Ana dos Anjos. Éramos uma família muito numerosa. Com os meus pais e oito filhos, éramos dez pessoas na casa. E, naquele tempo, era o meu pai sozinho a ganhar para nós todos. Não havia abonos de família, não havia nada. E, como éramos ainda todos pequenos, era preciso o vestir e o calçar. Então, o meu pai tinha dois machos e ia carregar vinho ao concelho, de Seia e

à ribeira da Aldeia das Dez que acho que pertence para Oliveira do Hospital. Ia com os machos carregados, por aquelas barrocas fora e por essas serras, e ia levar à Beira Baixa onde se chamava Cebola (hoje é São Jorge da Beira).

Dos meus irmãos eu era a mais velha. Chegado a mim estava o António Moreira, que já faleceu, vai fazer agora dois anos para o Natal. Depois estava o outro irmão, era Adelino Moreira. Era uma irmã, Maria dos Anjos, era a Alzira dos Anjos, que depois assinou Moreira, e era ainda a Silvina dos Anjos, que agora acho que assinou o nome do marido, mas naquele tempo era só Silvina dos Anjos. Depois era o José dos Anjos Moreira e o mais novo é Manel, Manuel Moreira só.

### **Infância *"Antes de ir para à escola, comecei a ir ao mato"***

Todos começámos a trabalhar na agricultura com 6, 7 anos. Naquela época da minha infância e doutras mais, eram famílias numerosas. Quase tudo tinha cinco, seis filhos e, às vezes, até sete. Então, passou-se assim: de pequenos tínhamos que começar a trabalhar para ajudar. Cultivava-se muita terra e só uma pessoa ou duas não amanhavam tudo. A gente tinha que roçar mato nestas lombas, nestas encostas, nestes altos, e pô-lo às costas. O caminho era muito ruim, mas não trazíamos nada de carregos à cabeça, era tudo às costas. E eu, mesmo antes de ir para a escola, comecei a ir ao mato, roçava, ia buscar um molho, ugava, atava numa corda e punha-o às costas. Depois era cultivar a terra. Começávamos logo todos pequenos a sachar milho e a empalhar. Na aldeia, as terras são muito trabalhosas, porque não entra um tractor nem nada. Era só os homens a cavar com uma enxada e as mulheres a semear o milho, a batata, o feijão e o que fora por trás. Mas ainda antes, como a minha mãe tinha que ir trabalhar na fazenda e o meu pai saía, era eu que ficava com os meus irmãos. Quando a minha mãe regressava a casa para fazer o almoço e tratar das coisas, estava eu a tomar conta dos mais novos, que tinham já nascido. Tínhamos pouca diferença uns dos outros, mas eu é que estava a guardá-los. E assim a gente foi indo sempre. Só comíamos daquilo que cultivávamos, porque não se ganhava dinheiro nestas pequenas aldeias. Embora a gente não tivesse muito, fome não passáramos. Mas houve gente que, naquele tempo, passou fome, porque não havia meios. Em Chãs d'Égua não havia onde empregar ninguém. Nós íamos ganhando alguma coisa, mas não era o suficiente.

## "Parece que até a gente tem saudades daquele tempo"

Mas antes, tinha aí os meus 4, 5 anos, ainda não andava na escola, e o meu pai tinha uma taberna. Era uma tabernita somenos mas, pronto, era o que havia na aldeia. Então, estava a guardar os meus irmãos mais novos e ainda ia à taberna aviar as pessoas que apareciam. Também tínhamos mercearia, mas não vinha embalada. Era avulso e a gente é que tinha que pesar e medir. Lembro-me que a minha mãe não sabia ler, mas pesava e fazia contas de cabeça quase ou mais depressa que qualquer pessoa. Cerveja, naquele tempo, não bebiam. Nem sabiam o que era, porque era cara e não se vendia. Mas bebiam vinho e bagaço. E, às vezes, quando era no Inverno, os que estavam na aldeia reuniam-se ali de noite e jogavam às cartas.

Foi quando começaram a ir os mineiros para as Minas da Panasqueira, na Beira Baixa. Eram minas de volfrâmio. Agora não sei dizer bem, mas acho que era uma empresa que fornecia o minério e depois mandavam aquilo para a Inglaterra. Não eram só de Chãs d'Égua que iam para as Minas. Desta ribeira toda por aí abaixo, chegaram lá a andar uns 30 e tal homens. Recordo-me que, naquele tempo, vinham da Mina todos juntos. De noite, eram duas, três horas da manhã, quando assomavam lá acima naquele cabeço a tocar e cantar! Davam volta à rua, mas batiam na porta ao meu pai. Então, tínhamos que nos levantar e ir abrir a porta. O meu pai dizia assim:

- "Ai, olha, Arminda! Levanta-te, já vêm os mineiros a chegar!"

Eles passavam a tocar e a cantar. Todos traziam um gasómetro na mão e, quando entravam, penduravam-nos nuns barrotes de madeira com uns pregos que a gente tinha. Bebiam qualquer coisa e depois diziam:

- "Arminda, não feches a porta!"

Iam dar uma volta à rua, ao povo todo, para um lado e para o outro, a tocar e a cantar! Às vezes tanto frio e eu ali... Mas dava-lhes tempo. Eram muito divertidos uns com os outros e parecia que era tudo uma família. Eles até cantavam cantigas perigosas! Quando entravam à boca da Mina, lembravam-se logo que podiam lá morrer. E alguns ainda morreram. Às vezes, metiam-se escoras e desabavam aqueles lisos debaixo da terra. E outros ficaram sem pernas. Só que, como expliquei, não havia outro emprego. Mas os homens que andavam nas Minas dava-se tudo muito bem! Eu ainda era nova, mas parece que até a gente tem saudades daquele tempo, de me lembrar da alegria que eles faziam! Agora já assim não é.

## **"Tempo para brincar havia pouco"**

Não nos davam tempo para brincar. Era por a semana que a gente brincava? Oh, oh! Está bem, está! O meu irmão mais velho contava que ainda estava a gente na escola e já estavam a chamar por nós ali em cima à capela:

- "Andai depressa!"

Tínhamos gado de cabras para tratar. Não eram muitas, mas tínhamos dois currais com gado. Tinha que se ceifar erva, ir ao mato, à lenha e acartar tudo. Depois, como já éramos mais, ajudávamos uns aos outros e os mais novos já viveram mais a infância. Mas eu só brincava quando andava na escola ao recreio e, às vezes, ao domingo e nem ao domingo. A gente ia à missa ao Piódão e ficávamos lá para a doutrina, para a catequese. Ia a pé, pois naquele tempo não havia carros. Aí em 40 minutos punha-me no Piódão. E depois, quando saíamos, comíamos lá uma merendita no caminho. Então, às vezes, brincávamos era pelo caminho. Às vezes, era a fazer uma roda e a jogar ao lenço. Dava-se um nó num lenço e depois andava-se em volta. Então, tínhamos uma moda a fazer ao lenço:

- "Aqui vai o lenço! Aqui fica o lenço!"

E depois, quando elas menos pensavam, a gente deixava cair o lenço. Se a gente desse a volta e ela ainda lá não tivesse apanhado o lenço, ia para o meio. Havia também o jogo do anelzinho e muitos jogos. Mas não podíamos demorar muito, porque senão já estava tudo mal. Sabiam à hora que a gente saía. Ainda assim, às vezes, aos domingos, aquelas da minha idade que já tinham outras irmãs ou irmãos mais velhos iam para a eira brincar. E eu, quando via as outras raparigas a reinar e a brincar umas com as outras, ainda me apetecia ir ao pé delas. Mas não ia. Tinha que estar ao balcão na loja, porque o meu pai saía ao domingo e a minha mãe, para tratar dos animais e fazer comer para tanta gente, tinha a vida dela. E eu estava lá, tinha que ser. Já não me importava, já estava habituada àquilo e assim se foi passando. E como foi a minha mocidade era a de muitos, era a de quase todos. Tempo para brincar havia pouco. E as nossas bonecas eram o podão e a corda para ir ao mato por as lombas acima! Alguém tinha um brinquedo como agora? Hoje, quando nascem, já têm brinquedos. Ainda bem que a vida se transformou de outra maneira.

## **"Invejaram de eu ter uma boneca"**

*Nunca tive uma boneca. Só uma vez, que o meu pai foi ao Vale de Maceira, ali à Senhora das Preces, é que me trouxe uma boneca. Era gira, mas aquilo era*



*de barro. Ora, eu ainda era miúda e fui brincar para a eira com as outras. Elas invejaram de eu ter uma boneca e diziam assim:*

*- "Isso parte!"*

*Eu pensava que não partia. Disse-lhes:*

*- Ah não parte não!*

*- "Ora deixa ver!"*

*Tomaram-ma da mão e fizeram de propósito: partiram-me a boneca! Eu chorei tanto...*

## **Casa "Fôramos criados num ambiente de carinho"**

A minha casa era pequenina e baixinha. Só tinha o sótão, um andar e, por baixo, uma tabernita pequena onde havia mercearia e bebidas. Estávamos lá a viver dez pessoas. A sala era grande, mas estava toda ocupada em toda à volta. E então eram os quartos. Tínhamos quatro, mas não eram grandes. Eram uns quartinhos divididos com madeira, onde dormíamos a dois e três quando calhava. Dormíamos conforme podíamos. Eu e os meus irmãos temos pouca diferença uns dos outros mas, quando eram miuditos, alguns dos rapazes até dormiam comigo. Não sei como é que a gente fazia, porque éramos uma família grande, numerosa. Mas a gente dormia bem.

Se hoje vissem como eram as cozinhas da aldeia admiravam-se! Eram de lareira, com umas pedras grandes por baixo. Tinha a porta da entrada e, em toda a volta, tinha umas tábuas de madeira, eram os assentos. Também tinha já bancos, mas aquelas tábuas a todo o lado era sempre. E em cima era onde se punha a mesa para comer. Antigamente nem havia chaminés! Era a lareira que fazia vez de chaminé e aí é que se acendia o lume. Bem, eu ainda me lembro, mesmo quando era já maiorzita, que ainda era assim, algumas cozinhas não tinham chaminé. Depois é que começaram a fazer chaminés. O meu pai foi um dos primeiros que fez uma para tirar o fumo. E ao lado fazia assim uns cantinhos onde as pessoas punham qualquer coisa. Depois, no Inverno, faziam as fogueiras grandes e a gente sentava-se ali. Um dizia uma coisa, outro dizia outra, fôramos criados assim num ambiente de carinho. Nunca ouvi asneiras nem palavões aos meus pais. Eu e os meus irmãos nunca tivemos jeito de responder mal aos meus pais. Parece que tudo calhava bem, que tudo corria bem na verdade. Éramos uma família unida.

O sótão era para arrumação. Quem trabalha na agricultura tem muitas ferramentas e ali é que se guardavam as coisas. Também era preciso para pôr, às vezes, as batatas e o feijão que a gente cultivava. Ainda era grande. Não tinha

era divisões ou tinha poucas. Como a loja estava ocupada e por cima era o andar, até tínhamos arcas e uns movezitos poucos onde arrumar as roupas. Era para arrecadação.

## **Educação "*Ora tínhamos professora, ora não*"**

Depois fui para a escola. Naquela altura, eram regentes que estavam na aldeia. Parece-me que andei lá até aos 11 ou 12 anos. Mas só fiz a passagem da primeira à segunda classe. Ao fim, estava a estudar da segunda à terceira. Não sei como foi aquilo, mas parece que falhou a professora. Fiquei sem fazer a passagem. Antigamente, era assim: ora tínhamos professora, ora não. Mandavam-nas para Chãs d'Égua, ali estavam e, entretanto, recebiam ordens para ir para outro lado. Mas chegaram a andar 30 e tal alunos na escola. Havia muita criança, muito aluno. Assim fôramos andando. Foi-se-me passando mais a idade e eu estive aquele tempo sem ir à escola.

Depois veio, então, uma professora dar escola à noite aos adultos, a quem queria ir. Tinha eu os meus 15, 16 anos talvez, comecei a pensar: havia a escola da noite... Meti-me então na escola. Mas os meus pais quase que não me queriam deixar ir porque, como tinham a taberna, eu fazia-lhes falta mesmo à noite. É para ver como naquele tempo era esta coisa de precisarem de trabalho. Diziam assim para uma rapariga:

- "Ah, se fosse um rapaz, faz mais falta a escola. Agora, as raparigas é só para escreverem ao fim uma carta aos rapazes, aos namorados. Não faz falta nenhuma!"

Fui lá de noite e ali no prazo de um mês consegui fazer a passagem. O senhor professor Coimbra, que esteve muito tempo na Câmara, foi quem nos passou da segunda à terceira classe em Arganil!

## **Religião "*O que o padre diz a gente sabe*"**

Íamos à catequese ao Piódão. Em Chãs d'Égua não havia. Andávamos na catequese aos domingos e todos os meses íamos à Cruzada. Naquele tempo a gente ia-se confessar e comungar todos os meses. Os rapazes levavam uma banda, uma faixa, e as raparigas era um vestido branco e parece-me que levavam um véu ou um lenço que atavam com uma fita na cabeça. Era a igreja cheia de miúdos e miúdas do fundo ao cimo. Os miúdos à frente e as miúdas atrás, emparelhadas em duas linhas, duas alas pela igreja acima. Havia muita criança. E, quando havia uma procissão, a gente também ia de branco. Era muito bonito.

A missa era como agora. Quer dizer, era em latim, só que a gente respondia em português. Mas mesmo assim não tínhamos livros. Respondia pela cabeça! Eu e quase todas as pessoas que há nesta aldeia e no Piódão nunca levavam livros à igreja. A gente aprendia e depois já sabe o que há-de responder à missa. O que o padre diz a gente sabe. Já tivemos missa em Chãs d'Égua. Mas depois o senhor prior que estava no Piódão foi-se embora. Veio, então, um padre que está na Moura da Serra. Era do Piódão, mas foi paroquiar a Moura e ainda lá está. Então, é ele que vem ali celebrar missa, aos domingos. Também vem à nossa terra. Vem cá quase todos os meses, porque temos o Santíssimo Sacramento e ele tem que vir renová-lo. Se lhe encomendarem missa, também vem. Só menos ao domingo. A gente, se quiser ir à missa ao domingo, tem que ir ao Piódão.

### **Descendência *José e António***



#### **António, filho mais novo (no meio) e sobrinhos de Arminda nas Cruzadas**

Tenho dois filhos. Um chama-se José, outro António. Estão em Lisboa, empregados em restaurantes. Trabalham muito, mas a vida está muito cara. Também estudaram pouco, porque tinham que ir à escola ao Piódão. O mais velho estudou sempre lá. O mais novo fez a telescola no Piódão, mas foi pouco tempo, porque acabou e não havia escola nem na aldeia nem nos arredores. Teve

que ir para Lisboa e lá estudou um ano ou dois. Quando viemos, ainda andou a estudar em Arganil. Tinha que ir para Arganil à segunda-feira e só vinha à sexta. Foi uma dificuldade muito grande, porque não tínhamos transporte. No Inverno, tinha que se levantar às quatro horas e eu tinha que o ir pôr no Piódão às seis menos um quarto. Era ainda de noite e, às vezes, estava a chover e tudo. Por um acaso, se eu não calha de vir de Lisboa, tinha sido melhor para mim e para eles. Mas calhei em vir para a terra... eles já não estudaram. Hoje vivem longe um do outro, mas têm a casa deles e lá vão andando. O mais velho fala-me muito de miúdo. Mas todos os dias hei-de falar com o mais novo ou ele comigo. Todos os dias ligamos o telefone.

### **Percurso profissional "*Nem fazem ideia do que a gente passou*"**

Assim fomos indo sempre a trabalhar na agricultura. Não havia um modo de empregar ninguém. E aqui na aldeia é tudo a carregar porque não há um carro de bois, um tractor. Agora já temos mas, naquela altura, não tínhamos uma estrada nem nada. Então, tanto trabalhava a cultivar fazenda, como na taberna, como ia tratar de gado.

Já tinha os meus 16, 17 anos trabalhava de costura também. Como ia para a agricultura ajudar, porque tinha que ir mesmo, às vezes era de noite que me agarrava à máquina a costurar. Juntavam-me lá roupa para eu fazer as coisas, eu não tinha tempo, tinha que fazer serão. À noite o meu pai também vinha maçoado aí por essas serras, vinha enfadado de cear, e dizia assim:

- "Vá! Agora toda a gente vai para a cama! Vá, vamos dormir."

Então, eu ia deitar os meus irmãos. Quando apanhava tudo a dormir, é que estava descansada a trabalhar na costura. E era eu que lavava também a roupa de dez pessoas. Não havia máquinas de lavar e na aldeia, no Inverno, a água é muito fria, parece gelo. Então, íamos acolá para aquele ribeiro, porque a água quente nascia ali. Agora passou a estrada e entulhou aquilo tudo, mas era naquele ribeiro que a gente se juntava. Ia para lá toda a gente lavar, porque estava lá o sol até tarde e no outro lado era mais frio.

Antigamente, não havia luxo como agora. Nem as crianças andavam vestidas e calçadas como agora. Ai Meu Deus! Vestiam-se como podiam. Os caminhos eram muito ruins e a gente, quando ia buscar um molho de mato, ia só com umas tamancas. Mas se roçávamos o mato, tínhamos logo que pôr as tamancas no molho e vínhamos descalças. Agora compram-se roupas feitas. Naquela altura não. Mesmo de solteira, era eu que fazia tudo: roupas para mim, para os meus irmãos, para as minhas irmãs, para o meu pai, para a minha mãe

e para fora. E, enquanto pequenos, era eu que fazia a roupa dos meus filhos também. As calcitas para os meninos eram um alfaiate ou dois que havia na aldeia que mas faziam. Não me dava grande jeito, porque não tinha vagar. Agora as camisinhas deles e o resto fazia eu! Naquele tempo, as roupas não eram como agora. Eram uma espécie de fioco. Nem vincavam.

A gente via-se para passar a ferro. Tinha que se alinhar tudo e ao fim é que se passava a ferro. Mas era com um ferro a carvão! A gente punha-lhe carvão com brasas do lume da cozinha. Mas gastava-se o carvão, já estavam apagados! Lá ia a gente acender. Se ainda fosse como agora, com um ferro ligado à luz, a vapor, é um regalo! E as roupas de hoje são outra coisa para se passar que não era naquele tempo. Ao fim só fazia roupas para mim, para os meus sogros, para casa, para a família, mais nada. Depois, quando os meus filhos já eram mais crescidos e eu também já não tinha tempo, dava a roupa a fazer. Agora também já é outra coisa: há roupas feitas e não são muito caras. Mas eu, às vezes, ainda conto para os meus filhos: nem fazem ideia do que a gente passou. Como eu era casada e tinha de tratar de muita terra, para criar os meus filhos, punha-os num berço à cabeça e levava-os para a fazenda aí por essas ladeiras fora. Então, foi assim a minha vida: lavar roupa, costurar, tratar do gado. Mas, pronto, gente assim foi vivendo e assim se vai morrendo na mesma amanhã.

## **Migração "A gente nunca teve trabalhos de futuro"**

Depois de já andarem os mineiros na Mina e de alguns homens da aldeia lá terem andado também, começaram então a sair. Estes que foram casando começaram a emigrar para Lisboa. Os meus irmãos, conforme começaram a crescer, também tiveram que ir ganhar alguma coisa. Foram arrançando cada um o seu emprego e assim foram indo com dificuldades, mas a vida depois já se modificou mais.

Eu também fui estar 16 meses em Lisboa. Trabalhava lá o meu marido e ainda tinha só um filho. Deixei as terras que cultivava e fui trabalhar para lá. Ainda estive também empregada. Mas depois a vida transtornou-se, transformou-se de outra maneira. O meu marido só tinha um irmão. Morreu. Estavam os meus sogros sozinhos na aldeia. Então, o meu marido disse:

- "Estão lá os meus pais sozinhos com o desgosto, porque morreu o meu irmão. Tenho tanto trabalho. A ver se vais."

Custou-me, mas vim para a terra. Tive que voltar e começar outra vez de novo depois de um ano e quatro meses que estive em Lisboa.

## **Lugar "*Estas terras que se aqui vêem estava tudo cultivado*"**

Antigamente, a gente só comia daquilo que cultivava. Era o que dava a agricultura: hortaliça e batatas, milho, feijão, tudo. Tínhamos o queijo das cabras e também se criavam suínos. Então, matávamos porcos e comia-se a carne. Agora vem já do talho. Mas naquele tempo nem havia feira perto. Só iam às feiras para trazer peixe, pelo menos sardinha, carapau.

Também não vinha um padeiro vender pão, não havia. Era a gente que moía o milho e depois cozia-se a broa no forno. Começando lá em baixo no fundo da ribeira - chama-se a Foz d'Égua - até aqui ao cimo do povo, havia uns poucos de moinhos. E tudo moía! Tudo a moer toda a semana, de dia e de noite. Os moinhos eram para todos e toda a gente tinha uma peça. Hoje o dia e a noite eram meus. Amanhã, varria o moinho, era de outro. Tinha que se apanhar a farinha e limpar o moinho para o outro que vinha atrás. Mas está aqui um moinho em cima que era só do meu pai e de outro senhor, só deles os dois. Era um moinho de oito dias. Oito dias era quatro dias e quatro noites a cada um. Moíam eles metade e nós outra metade. Os moinhos da Foz d'Égua já não eram dos nossos, mas eu ainda fui lá. Como no Verão faltava a água aqui em cima, fui muita vez moer à Foz d'Égua, mesmo onde era a represa, onde vai juntar com a ribeira do Piódão. Estava lá um moinho. Não sei se a água o levou quando foi da enxurrada. Levou a ponte, acho que levou o moinho também. Depois cozíamos a broa. Andava o forno a quase semanas inteiras a cozer, porque havia muita gente. Estas terras que aqui se vêem estava tudo cultivado, tudo amanhado.

## **"Antigamente parecia que as pessoas também não eram tão doentes"**

Tratar da saúde também era complicado. Não havia médicos perto. Tinha a gente que ir a Avô, a um médico que era o senhor doutor Vasco de Campos, ou a Coja ou, agora mais tarde, à Ponte das Três Entradas. Para nascerem os filhos, tínhamo-los em casa. Não havia cá maternidades. Era sofrer. Agora, assim que sabem que estão grávidas, começam logo a ir ver e daí a um tempo já sabem se é rapaz ou rapariga, se é menino ou menina. Na aldeia não! Quando nasciam, a gente não sabia o que era os bebês. A gente não ia a um médico, não ia a nada e depois, olha, tinha-os em casa. Eram as boas almas que acudiam quando a gente precisava. Eram as mulheres da família que acudiam umas às outras.

Quando as pessoas estavam doentes não iam logo para o médico. Está bem, está. Onde é que havia o médico tão longe e sem haver transporte para lá ir? Era um chá de ervas de cá dos nossos e eram bons. Era a cidreira, que é um chá que eu gosto e compro das caixas também, mas não é como este que a gente cria, e era o chá de hortelã que faziam muito para os meninos. Lembro-me eu que, quando adoeciam, que adivinhavam que fosse qualquer coisa de intestinos ou assim, punham-lhe ramos de hortelã no peito. Mas, quando as crianças estavam pior ou lhes dava mesmo a valer, às vezes, tinham que abalar com eles ao colo ou à cabeça, num berço.

Agora o resto cá se arrumava tudo. Antigamente, parecia que as pessoas também não eram tão doentes, porque o que a gente comia era puro! Os comeres, como eram aqui cultivados, não levavam adubos, não era preciso químicos para os curar. Agora é tudo, tanto couves, como hortaliça, como batatas, como feijão, à base de químicas. Quer-se dizer, saem mais depressa e mais fortes, mas a gente come as coisas já deterioradas, porque é tudo tratado com estes adubos que botam no renovo. Há quem deite a água, só que depois o produto que dão as terras já não é aquela riqueza de antigamente. Antes era só com o estrume que lhe deitavam a enterrar, quando cavavam a terra. Agora, vão as batatas a nascer, já têm que levar uma cura de sulfato para matar esses insectos que é o escaravelho ou é o piolho (a que chamam formiga) do feijão. Tem que ser tudo injectado com químicos. Por isso, as pessoas não eram tão doentes antigamente. Há aí pessoas, que também trabalharam bastante, e já com 90 anos! Alguns até andaram por fora, mas foram criados na aldeia e chegam a esta idade, coisa que a gente agora é difícil. A gente já não come os comeres como eram no outro tempo, porque é tudo à base de químicos. Isto julgo eu. Não sei, mas deve ser. A gente agora não presta para nada e os que vieram atrás de nós ainda é pior. Quando a gente se queixa, eles também já se queixam. Eu fui criada assim e trabalhei tanto e não era doente. E agora, há uns anos para cá, já não posso comer como comia de tudo e já tudo me faz mal. Já não posso tocar em certos comeres, porque o organismo já não é o mesmo. Não sei se é dos ares, se é dos comeres, mas as pessoas não são saudáveis como eram naquele tempo. E agora, antes de ontem, o médico que vinha à aldeia deu a despedida que vai ser transferido para outro lado. Fiquemos aqui sem médico. Sem a gente ter depois quem faça uma receita para medicamentos... é complicado.

Nasci cá e, como digo, só estive 16 meses em Lisboa. Realmente a vida na aldeia é mais saudável, mas mesmo assim a gente trabalha muito e estou cansada. A minha coluna está toda desenhada. Já parti a clavícula, já parti ossos e agora junta-se tudo. Também sofro desta perna. Incha-me juntamente com uma parte no braço. Às vezes, nem de noite estou bem na cama. E trabalhar na agricultura

já não posso. Faça a minha vida normal. Tem que se ir andando, conforme Deus nos vai ajudando.

### **"É muito difícil a gente deslocar-se"**

Hoje temos estrada, mas não temos transportes. E agora é muito difícil a gente deslocar-se para ir a um médico ou aviar uns medicamentos. Tem que se mandar o táxi de Vide ou de Coja vir buscar a gente. Vir buscar, depois trazer e depois apanhar camionetes quando não se apanham todos os dias. Por exemplo, para Coimbra só há um expresso que passa, à segunda-feira, às oito e meia ali na Vide. É o expresso da Covilhã. Então, a gente tem que mandar vir o táxi para ir apanhar aquele expresso. No regresso, vem outra vez para Vide e segue lá para a Covilhã, mas depois já vai para outra estrada. De Vide temos que alugar o táxi para nos vir trazer. É muito dispendioso mas, então, o que é que a gente há-de fazer? Quando se precisa, tem que se sujeitar a tudo. E assim cá temos estado. Não havia outro percurso senão este.

### ***Costumes Tradições e dias de festa em Chãs d'Égua***

#### **"O padre não deixava dançar"**

Todos os anos, nos dias 22, 23 e 24 de Agosto, temos cá os nossos santos e fazem procissão com música. Às vezes calha mais tarde. Mas este ano calhou ainda cedo o dia. Fizeram a festa no dia 22, porque é sempre no último domingo de Agosto. Se não fosse, o pessoal que está de férias no mês de Agosto já não podia assistir à festa, porque vão logo pegar, vão para o emprego ao outro dia. O nosso padroeiro é São João Baptista. Mas também temos na capela o Sagrado Coração de Jesus, a Senhora de Fátima, a Senhora das Febres e a Santa Bárbara. É uma capela pequena, está enfeitada mais ou menos, mas precisa de obras.

Antigamente as festas eram mais ou menos como agora. Já contratavam a música e também já faziam procissão. Guardavam o dia aos santos, mas não havia bailes. O padre não deixava dançar! E depois os homens, como o padre não queria - dizia que não vinha celebrar missa a Chãs d'Égua -, já não nos deixavam dançar. É, passei a minha mocidade assim: nós, as raparigas e alguns rapazes que nos queríamos divertir, tínhamos que andar às fugidas numa casa onde ninguém nos visse. E não havia maldades, mesmo nos rapazes. Parecia que era tudo uma família. Mas agora, já há muitos anos, que mandam vir conjuntos e fazem bailes.



Ainda agora, todos os dias da festa, esteve um conjunto e veio também um rancho folclórico. Aqueles dias são divertidos.

Em Chãs d'Égua as festas também são muito convívidas. Anda o forno sempre a trabalhar a fazerem bolos e a assarem carnes. Embora agora seja diferente, porque temos outras condições, a respeito de comida é tudo mais ou menos igual. Já matavam cabras, ovelhas ou que quisessem para aquele dia. Toda a gente tinha uns tachos grandes de carne no forno. Também coziam broa de milho e centeio e faziam bolos e muitos doces, arroz doce e tigelada. Agora já não faço, que não tenho capacidade, mas ainda sei como se faz a tigelada. Era com leite, ovos, uma pedrinha de sal, coisa pouca, e um bocadinho de limão. Um litro de leite leva uns tantos ovos. E em tantos ovos bota-se uma colherinha de açúcar ou se for mais. Depois aquilo é tudo batido e fica bom.

### **Da matança do porco à debulha do milho como uma família**

Toda a gente criava porcos. Depois, vindo em Novembro, Dezembro, todos tinham um porquinho ou dois para matar! Então, juntavam-se as famílias e ajudavam-se uns aos outros. Por exemplo, na casa do meu pai, juntávamos a família dele, irmãos, irmãs, sobrinhos, era uma festa! A matança do porco até para os miúdos era uma festa! Depois a carne era salgada numa salmoira. Chamavam-se salmoira ou salgadeira. Como era toda cobertinha de sal, não se fazia amarela. E aquela que era para ter já mais arranjada frigia-se e metia-se outra vez no azeite. Estava sempre pronta. E depois, então, aquela carne parece que ainda era mais saborosa! Sabia bem. Ficava que era uma maravilha!

Quando era das colheitas, debulhava-se o milho e ajudávamos uns aos outros. Tinham assim umas palheiras, aqui além, onde faziam os estendais do milho. Íamos à noite para lá e era uma alegria! Mais para o Inverno, eram já as noites maiores, contavam histórias, cantávamos... A minha infância foi toda assim daquela maneira. Passou-se já a minha mocidade, mas ainda hoje mete saudades. Era um tempo que não havia rivalidades, davam-se tudo bem uns com os outros. Agora já andam para uns lados e para outro. Mas, antigamente, era um tempo que não havia ódios, não havia vinganças, não havia nada. Parecia uma família só nesta aldeia.

### **Do Natal à Páscoa**

No Natal era assim: ia-se à missa e depois a gente ia beijar o Menino Jesus e botava uma coisinha qualquer, dinheiro ou uma moedazinha, lá no açafate, no cestinho. Ainda hoje se faz isso no Piódão. E faziam também o presépio. Ainda

hoje fazem lá no Piódão e em Chãs d'Égua também têm feito. Só este ano é que não fizeram, porque a senhora que faz o terço estava doente e não havia ninguém que a ajudasse. Mas, tanto aqui como no Piódão, fazem um presépio bonito. É feito de musgo e tem muita figura. Faz de contas que é quase como uma casinha: o Menino Jesus está deitado numas palhinhas, os anjos estão em cima a anunciar onde está o Menino, tem os pastorinhos e depois os Reis Magos.

Vinha o Carnaval, começavam quase do fundo ao cimo da aldeia a tocarem e a cantarem. Quando foi num tempo que eu ainda era mais miúda, as raparigas e até já homens de idade, cantavam, dançavam e comiam onde calhava e onde lho davam. Depois, assim que passava o Carnaval até à Páscoa, ninguém tocava nem nunca mais dançavam. Diziam os antigos que era tempo santo. A Quaresma é tempo de reflexão, de ir à capela fazer Via Sacra. De maneira que já é outro tempo. Havia pessoas, antigamente, que jejuavam metade da Quaresma a pão e água só! Mas eram aquelas pessoas mais antigas. A gente já não fez isso. Fazíamos era a Via Sacra. As capelas têm as estações em que hão-de rezar daquilo que Nosso Senhor sofreu quando o crucificaram. Então, começa-se numa ponta a rezar. Depois passa-se para outra e depois a outra. Faz-se assim a toda a volta, dentro da capela. E no Piódão a mesma coisa. Estas aldeias ainda fazem a Via Sacra.

Depois vem a Páscoa, já é um tempo de alegria, porque já ressuscitou Nosso Senhor. Em Domingo de Páscoa é que já abriam o baile! Também vinham, e ainda vêm, dar a beijar a Cruz pelas casas. A minha casa é pequena e este ano eu estava cá sozinha, porque os meus filhos não puderam vir, que já tinham gozado férias. Mas encheu-se-me a casa, tudo pelas escadas abaixo! Alguns já nem chegaram a beijar a Cruz, porque não chegaram à sala. É um uso bonito!

## **Dias santos de guarda**

Em Chãs d'Égua, a gente não fazia caso da espiga na Quinta-feira de Ascensão. Mas íamos à missa e guardava-se, que era um grande dia santo. Guardávamos os dias santos todos. O mês de Junho era o mês dos dias santos: dia de Santo António, dia do Sagrado Coração de Jesus... Agora os padres deram-nos dispensados por causa dos empregos. Não podem dar às pessoas que estão a trabalhar dia santo de guarda. Mas a gente guardava os dias santos todos. Quer dizer, se calhasse água a regar, a gente ia regar e tínhamos que tratar dos animais. Mas o resto não. Não íamos para a agricultura trabalhar nem roçar mato. Eram dias santos. E Quinta-feira da Ascensão, diziam os antigos, era um grande dia santo de guarda! Não sei explicar (porque já estou esquecida de algumas coisas), mas acho que foi o dia que Nosso Senhor subiu ao Céu. Diziam assim os antigos:

- "Se os passarinhos soubessem quando é Quinta-Feira de Ascensão, não punham o pé no ninho nem no chão!"

Andavam sempre a voar de contentes.

No dia 3 de Maio, só se via homens com as cruzes às costas a porem aí nas fazendas. Havia uns raminhos que benziam no Domingo de Ramos, quando a gente leva o ramo à missa, e daquele ramo tiravam um bocadinho. Faziam uma cruz com aquilo e toda a gente ia pôr as cruzes na agricultura, onde tinha as terras para amanhar, onde semeavam o centeio, em todo o lado. É raro, porque há pouca gente, mas ainda há quem faça cruzes para pôr nas terras. Era a fé que tinham de Nosso Senhor abençoar os campos. Hoje já não há tanta coisa disso.

### **"Ouvi falar do Oliveirão"**

Já não me lembro de histórias que contassem antigamente, mas ouvi falar do Oliveirão. Morou, aqui na aldeia, numa casa que está adiante, mas era baixinha. Então, ouvia contar aos homens já antigos - alguns ainda se lembravam, outros já tinham ouvido contar - que tiveram que o matar. Acho que ele vinha com os cavalos, arrombava as portas, entrava nas lojas e punha-os a comer o milho que as pessoas cultivavam. E tratava mal as mulheres! Em cá estando na aldeia, acho que as mulheres nem saíam para a rua. Assim é que ouvia contar.

### **Sonhos "*Sabia lá o que é que se passava pelo mundo fora*"**

Não tenho sonhos. A gente, antigamente, era isto e era isto mesmo. Não havia televisão, a gente sabia lá o que é que se passava pelo mundo fora. Só depois de já ser rapariga, dos meus 20 e tal anos, é que começaram a vir as televisões, as telefonias, o rádio... Mas a gente, naquela altura, via alguma coisa? Está bem, está. Não dava para sonhar.

### **Avaliação "*Admirados com isto tudo*"**

Hão-de ficar admirados com isto tudo! Ficam parvos comigo aqui! Ninguém faz estas referências. Eu respondi, estou livre. É para o que der e vier. Se for para a Internet, os meus filhos têm computadores, vão lá ver, sabe toda a gente. E depois eles é que me hão-de pôr os defeitos. Mas, pronto, gostem ou não gostem vão ouvir. Aos meus filhos eu conto o que passei até quando os andei a criar. E eles julgam que sim, que passei realmente por esse tempo. Mas há os que nem querem saber, nem querem ouvir. Não estão interessados, porque os

tempos tornaram-se diferentes. E ainda bem que a vida se tornou diferente. Se fosse agora, se fosse preciso fazer essa vida, como é que os novos, os jovens, a faziam? Habitados a estudar para terem um emprego, não acreditavam que havia estas coisas. Era muito complicado. Mas ainda bem. Deus queira que eles nunca cheguem a saber o que a gente passou.